

**ENTREVISTA COM
GRACILIANO DA SILVA DIAS:
DESAFIOS DA PROFISSÃO
DOCENTE***

Hugo Paulo Gandolfi de Oliveira

A universidade precisa criticar o governo, o Estado, a sociedade e a si própria

Os desafios da profissão docente é um dos temas de estudo do professor Gracialino da Silva Dias, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduado em História, com mestrado em Educação e doutorado em Educação - História, Política e Sociedade, também tem participado de promoções na Unochapecó.

Entre suas atividades, estão a docência em cursos de graduação e de pós-graduação na UFPR, orientações de mestrado e doutorado e coordenação de projetos de extensão e de pesquisa em educação e trabalho. Também possui livros e artigos publicados sobre temas como: trabalho, educação profissional, educação e formação humana; os educadores e a educação profissional; a pesquisa e o ensino a partir da extensão; crise no mundo do trabalho e as perspectivas dos trabalhadores na educação; e relações de trabalho e tecnologia na contemporaneidade.

Quando esteve em Chapecó para falar ao corpo docente da universidade, sobre os desafios da profissão, em 5 de fevereiro, o professor Gracialino concedeu entrevista ao jornalista e professor do curso de Jornalismo da Unochapecó Hugo Paulo Gandolfi de Oliveira, publicada no informativo "Unochapecó Notícias", de março de 2007.

Unochapecó Notícias - Qual é a importância de iniciativas como a da Unochapecó para discutir a profissão docente?

Gracialino da Silva Dias - Eu tive a oportunidade de ministrar aulas no curso de pós-graduação para o Magistério Superior, montado pela Unochapecó, e retorno para discutir a situação do trabalho docente em face da realidade. Acho uma iniciativa brilhante e demonstra que a instituição tem preocupação com a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão e com o fator humano. Não se forma uma universidade boa sem bons docentes e não se forma bons docentes sem que eles discutam o objeto do seu trabalho, a condição de ser e os desafios do docente, do ensino superior e a realidade do país diante da natureza do que ensinar num mundo marcado por tantas incertezas. Refiro-me às formas pós-modernas de se pensar a realidade a partir da efemeridade, do consumismo e das relações mercadológicas, o imediatismo e o pragmatismo. Aí você diz: conhecimento vale a pena? Você tem tempo para parar, estudar e aprofundar as bases

científicas de interpretação da realidade? Bom, a universidade é um local onde se aprende ciência, o conhecimento científico se socializa e se produz conhecimento. Se este é o espaço, uma das dificuldades que a profissão docente encontra hoje é a cultura, ou a ideologia enquanto forma de encantamento, de ofuscamento da razão, esvaziada. Você tem uma sociedade em que o conhecimento passa a ser, do ponto de vista da lógica do capital, cada vez menos de interesse social. Você deve saber consumir. Essa que é a lógica do capital.

Seguidamente a educação é citada como meta prioritária de candidatos a cargos públicos. Na prática, ela tem merecido a atenção devida das autoridades e é valorizada como política de Estado?

Gracialino - A educação, como princípio da formação humana, da apropriação dos conhecimentos científicos e culturais desenvolvidos pela humanidade, ninguém é insano de colocar-se contra ela, por isso todos que querem se eleger dizem que a educação é prioridade. Mas, o que observamos é que basta ver os números para constatar que nenhum governo na história do Brasil valorizou a educação de fato. Se você comparar a condição salarial de um professor universitário com nível de doutorado, mestre ou especialista, ou um professor graduado, ou os que dão aula na educação infantil e básica, você verifica que não há valorização. Se você verificar quanto o país gasta em projetos de extensão universitária para vincular às universidades com a realidade social, em pesquisas científicas básicas e aplicadas, verificará que nós não passamos de um país que está com índices, comparativamente, a situação muito próxima para realidade etíope. Somos muito mais Etiópia do que Bélgica.

A universidade brasileira possui boa relação com a sociedade, ou seja, produz conhecimento focado nas necessidades sociais e efetivamente gera inclusão?

Gracialino - Em que pese toda a adversidade, as condições salariais e de trabalho, os laboratórios sucateados, a falta de recursos, 90% das pesquisas no Brasil são produzidas nas universidades, daí eu poderia responder que sim: as universidades têm projetos sociais, de pesquisa, de extensão, numa vinculação grande com relação às estruturas sociais. Mas se eu for pensar do ponto de vista daquilo que imagino enquanto projeto de uma universidade que sirva ao povo vinculada às realidades sociais, eu diria que não. As nossas universidades trazem uma herança bastante

tecnicista constituída no período militar. Elas têm, também, uma herança bastante elitista do ponto de vista daquilo que foi a universidade de bases positivistas criada na primeira metade do século XX. Ela ainda é muito arrogante com relação às estruturas sociais. Nossas universidades têm muito que aprender dos movimentos sociais. Elas precisam ter um vínculo maior com movimentos de mulheres, de afro-descendentes, movimentos operários, indígenas e sindicais. Com relação às estruturas produtivas do capital, precisam romper esta estrutura elitista e isolada das relações sociais. A universidade precisa criticar o governo, o Estado, a sociedade e a si própria.

Está havendo efetiva integração entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades?

Gracialino - A Constituição Federal de 1988 reza, no artigo 207, que na estrutura universitária deve ser assegurada a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Isto é uma afirmação jurídica, um princípio constitucional. Se a estrutura governamental levasse em conta esse princípio, estaria ocorrendo sim. No entanto, na falta de recursos, de condições e de orçamentos, porque há outras prioridades que não a educação - e com certeza não são sociais, mas provavelmente de outros interesses, como os de banqueiros - as universidades têm poucos instrumentos para articular ensino, pesquisa e extensão. É um fenômeno observado pelo número de bolsas que os professores obtêm para seus projetos. Se pegarmos uma universidade como a Unochapecó, numa região estrategicamente importante para o país e para o mundo, que tem mais de 50% de seus quadros formados por mestres e doutores, e perguntarmos quantas bolsas recebem do CNPq, é provável que um número reduzido de estudantes, a exemplo das universidades públicas, tenham iniciação científica. Se a gente perguntar dos projetos de extensão, quais os financiamentos públicos para realizar a articulação do papel da universidade, da Unochapecó, com a sociedade civil organizada, é provável que você tenha também número bastante reduzido. Assim, embora seja um princípio constitucional, ele é pouco garantido efetivamente. A causa é política, porque isso implica em dizer que projeto de formação e que universidade eu quero ter, e esta é uma questão que quem deve responder é o orçamento federal, quanto de recurso vai para o CNPq, para o MEC e para financiar a extensão.

A educação, de maneira geral, está contribuindo para a formação voltada ao mundo do trabalho dentro da conciliação entre teoria e prática?

Gracialino - O mundo do trabalho é exatamente este que você diz: a relação entre a teoria e prática. O mundo do trabalho é praxis, transformação social. Se a gente pensar o mundo do trabalho como atividade vital humana, como a prática social do cotidiano, o trabalho é pintar um quadro, é compor uma partitura, é ouvir música, é fazer uma boa torta, é escrever uma poesia com seus filhos em casa. O trabalho não é só plantar soja, nem fabricar salsicha, nem fabricar avião. E aí a universidade precisaria ter uma relação com o mundo do trabalho neste plano mais geral. Do ponto de vista das relações de trabalho que predominam na nossa sociedade, de trabalho mercantilizado, assalariado, o mundo da produção se caracteriza pelo uso crescente de novas tecnologias físicas e organizacionais. E aí, como a universidade tem pouca relação com o mundo da produção, ela quase sempre se desatualiza sobre as tecnologias que embasam os processos produtivos. É necessário que as universidades tenham, também, recursos para seus projetos experimentais, as pesquisas vinculadas ao mundo da produção. Neste sentido, a produção anda num cenário muito mais rápido e a universidade muito mais lenta. Todavia, não vejo como papel da universidade responder imediatamente às demandas da produção. Com isto, invoco a necessidade da universidade ter uma formação científica profunda, e quando desenvolve essa formação ela permite que seus alunos dominem as técnicas e as tecnologias.

O que é necessário para ser um bom professor, ou que saberes quem atua na docência deve ter?

Gracialino - Ser docente é uma questão de conhecimento científico e paixão. Porque o docente tem de ter formação pedagógica bastante densa, e a Pedagogia é a ciência que estuda a educação na sua multidimensionalidade, que ensina a ensinar e a aprender. Então, primeiro o docente não pode ensinar se ele não tem domínio do conteúdo científico do objeto, da ciência que ele está trabalhando. Compreender estas dimensões implica num compromisso social na dimensão política do docente, que é compreender a realidade social concreta onde está se desenvolvendo o ensinar aquele conteúdo com aquela metodologia. É necessário que o docente atue no sentido do intelectual orgânico - tal qual definiu Antônio

Gramsci - como intelectual da classe engajado política e socialmente, compreendendo a realidade social, material e política para desenvolver a formação científica, técnica e humanística, sem a qual ele se torna um especialista que não tem lugar enquanto sentido da formação humana. É necessário que o docente compreenda as contradições, conheça os fundamentos das contradições que marcam a sociedade nos planos internacional, nacional ou local e regional. Que saiba interpretar cientificamente como essas contradições atravessam a instituição escolar, no caso, a instituição universitária, e como ele deve se posicionar diante dessas contradições. O docente é também um educador, e ele não pode ser um educador se não tiver claro o princípio da formação humana voltada para a emancipação humana.

Notas

* Entrevista concedida ao jornalista e professor do curso de Jornalismo da Unochapecó, Hugo Paulo Gandolfi de Oliveira e publicada no informativo "Unochapecó Notícias", de março de 2007.